



ÚLTIMAS LIÇÕES

QUALIDADE, RELEVÂNCIA E INOVAÇÃO: A INVESTIGAÇÃO E O ENSINO SUPERIOR

BELINDA MAIA

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO
PORTO 2015

Belinda Maia nasceu no Reino Unido e vive em Portugal desde 1968. Com um B.A. (Hons.) da Universidade de Bristol em Estudos de Espanhol, Francês e Português, licenciou-se posteriormente em Línguas e Literaturas Modernas – Estudos Espanhóis e Franceses, na Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP), onde apresentou, em 1984, a dissertação de Mestrado em Linguística e onde se doutorou em Linguística Aplicada em 1994 com a tese *A Contribution to the Study of the Language of Emotion in English and Portuguese*.

Iniciou a atividade docente na FLUP, como Leitora, em 1974, passando a Assistente em 1984, Professora Auxiliar em 1994 e Professora Associada em 2001. Foi diretora do programa de Mestrado em Terminologia e Tradução entre 2002-2007 e diretora dos programas de 3º ciclo em Tradução e em Tecnologias da Linguagem Humana entre 2010 e 2014. Desde 2009 e até à sua jubilação em março de 2015 foi diretora do Mestrado em Tradução e Serviços Linguísticos, um curso reconhecido a nível europeu como membro da Rede EMT – *European Masters in Translation* desde 2009.

Foi membro do *Board* da EMT – *European Master's in Translation Network* entre 2009 e 2014, tendo o seu trabalho focado sempre a inovação e a profissão de tradutor. Participou nos projetos internacionais da LETRAC entre 1998-1999 e OPTIMALE entre 2010-2013. É membro do CLUP – Centro de Linguística da Universidade do Porto e foi a coordenadora no Porto do projeto nacional Linguateca entre 2002 e 2008. É membro do Conselho Científico dos congressos organizados pelas seguintes

QUALIDADE, RELEVÂNCIA E INOVAÇÃO: A INVESTIGAÇÃO E O ENSINO SUPERIOR

Belinda Maia

Ficha Técnica

Título: *Qualidade, Relevância e Inovação: a investigação e o ensino superior*

Autor: *Belinda Maia*

Edição: *Faculdade de Letras da Universidade do Porto*

Ano de Edição: *2016*

Coleção: *Últimas Lições*

Execução Gráfica: *Sersilito-Empresa Gráfica, Lda./Maia*

Tiragem: *150 exemplares*

Depósito Legal: *409095/16*

ISBN: *978-989-8648-75-4*

APRESENTAÇÃO

Completando a publicação das *Últimas Lições* proferidas em 2015 na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, dá-se agora à estampa o texto da “lição” que a Professora Doutora Belinda Mary Harper Sousa Maia, professora associada do Departamento de Estudos Anglo-Americanos, pronunciou por ocasião da sua jubilação.

Tendo iniciado a sua carreira académica na Faculdade de Letras em maio de 1974, a Professora Belinda Maia exerceu atividade docente na área da Linguística, especialidade de Tradução. Foi uma entusiasta dos estudos neste domínio e a impulsionadora da criação do Mestrado em Tradução e Serviços Linguísticos, de que foi diretora, bem como dos Doutoramentos em Tradução e Tecnologias da Linguagem Humana, que também dirigiu. Ao nível da docência assegurou unidades curriculares de metodologia de investigação, linguística computacional, linguística forense, terminologia e lexicografia, linguística inglesa. A sua investigação, integrada no Centro de Linguística da Universidade do Porto, e as teses e dissertações que dirigiu complementaram sempre os temas da docência, procurando fomentar a cooperação interdisciplinar, como muito bem é ilustrado na sua “última lição”.

Como membro do *Board* da EMT – European Master’s in Translation Network e integrando o Conselho Científico de congressos organizados por organismos como a APL – Associação Portuguesa de Linguística, a EPIA – Portuguese Conference on Artificial Intelligence, a IAFL – International Association of Forensic Linguists ou a PROPOR – International Conference on Computational Processing of the Portuguese Language, o seu trabalho orientou-se sempre para promover a profissão de tradutor e a inovação na área da tradução.

A “última lição” da Professora Belinda Maia, intitulada *Qualidade, Relevância e Inovação: a investigação e o ensino superior* testemunha a evolução dos estudos de tradução nas últimas décadas e evidencia bem o caráter inovador e interdisciplinar que a Professora sempre imprimiu ao seu trabalho académico.

A Professora Belinda permanece ligada à FLUP e ao centro de investigação onde foi sempre um membro ativo, sendo nosso desejo que esta colaboração se mantenha por muitos e longos anos. A edição da sua “última lição” é um pequeno gesto que pretende demonstrar o reconhecimento da FLUP pela dedicação com que, ao longo de mais de quatro décadas, trabalhou na nossa instituição.

Fernanda Ribeiro

Diretora da FLUP

QUALIDADE, RELEVÂNCIA E INOVAÇÃO – E A INVESTIGAÇÃO E O ENSINO SUPERIOR

Belinda Maia

Introdução

Nesta última oportunidade de ter uma audiência cativa, gostaria de agradecer aos colegas e estudantes por tudo aquilo que aprendi com eles durante estes 41 anos na FLUP e refletir sobre os aspectos da vida universitária que mais me preocuparam durante este período.

Esta lição começa por contextualizar o tema a nível pessoal, nacional e internacional, seguido de reflexões sobre várias definições de ‘qualidade’, ‘relevância’ e ‘inovação’, e a importância destes conceitos em relação à investigação e ao ensino superior universitário. Segue um apelo à necessidade de interdisciplinaridade como forma de conjugar a qualidade, a relevância e a inovação, dando como exemplo uma experiência recente.

Contextualização pessoal

Entrei na FLUP em Maio de 1974, acompanhei o processo pós-25 de Abril com imenso interesse e aprendi muito. O Departamento de Germânicas ainda estava numa fase embrionária, e comecei a dar aulas ao segundo grupo que ingressou para estudar Língua Inglesa. Tinha três anos de experiência no ensino de Inglês no Instituto Britânico, mas apenas três semanas para preparar Cultura e Civilização Inglesa para um vasto grupo de estudantes no ano académico de 1974-5. A única bibliografia disponível era *A Shortened History of England*, de Trevelyan (1942), com uma visão muito *sui generis* sobre este assunto. Mais tarde, fui encarregada de Língua e Linguística Inglesa, e lembro-me de ter irrompido no gabinete daquele que viria a ser o coorientador da minha tese de doutoramento, o Professor Reinhard Hartmann, da Universidade de Exeter, a pedir ajuda, uma vez que o único exame ao qual reprovei enquanto estudante de licenciatura na

Universidade de Bristol foi Filologia Românica, que possuía uma abordagem histórica que não me entusiasmava.

Mas, confrontados com muitas mudanças no sistema educativo, e perante a necessidade de ensinar novas matérias, todos fizemos o que pudemos. Aprendemos muito com a experiência porque fomos obrigados a estudar muito, estando muitas vezes apenas um passo à frente dos nossos estudantes. O ambiente depois do 25 de Abril foi caótico, mas também criativo e inovador, e tenho boas memórias de uma época em que experimentávamos novas técnicas de ensino, fazíamos teatro, organizávamos debates, e havia muito convívio entre os estudantes e os professores. Afinal, éramos pouco mais velhos do que os nossos estudantes.

O ensino tinha qualidade? Duvido. E relevância e inovação? Estávamos à procura dessa relevância; a inovação estava na moda; e estávamos cheios de entusiasmo. Não sou, de forma alguma, apologista dos “bons velhos tempos”, muito pelo contrário; mas aquele período desencadeou uma série de inovações e a nossa curva de aprendizagem foi acentuada. O facto de ter de aprender a ser mais Portuguesa, e de me “desenrascar” com estas unidades curriculares abriu um precedente que fez com que, durante o resto do meu tempo na FLUP, me tenha arriscado a ensinar uma diversidade de unidades curriculares à medida que foram necessárias para este ou aquele 1º, 2º ou 3º ciclo, entre as quais Linguística Inglesa, Linguística Contrastiva, Linguística Computacional, Linguística Forense, Teoria de Tradução, Tradução, Informática Aplicada à Tradução, Terminologia e Lexicografia e Comunicação Técnica.

Contextualização nacional

A situação do ensino mudou muito desde 1974. De seis anos de escolaridade obrigatória, e um pequeno número de jovens no ensino superior, Portugal passou a ter 12 anos de escolaridade obrigatória e o número de estudantes a entrar para o ensino superior quadruplicou. Nos anos 70, o aumento de escolaridade obrigatória implicava a formação de professores para as escolas e, até ao final do século 20, o papel mais urgente do ensino nas Faculdades de Humanidades e de Ciências era formar professores para o ensino básico e secundário.

Foi difícil atingir um nível ideal de formação dos professores nas escolas, ao princípio. Por exemplo, nos anos 70 as escolas ficavam contentes se um professor de inglês tivesse *Cambridge Proficiency* – ou até *Lower Cambridge*. Hoje gostamos que um professor de línguas tenha *Cambridge Proficiency*, mas também, pelo menos, mestrado e formação pedagógica adequada.

Esta formação pedagógica também evoluiu lentamente. Embora tivéssemos de preparar os nossos estudantes para serem professores, à grande maioria dos professores universitários não era – nem é – exigida uma formação pedagógica formal. Embora a nossa Reitoria agora ofereça constantemente vários cursos neste sentido, ainda não é obrigatório, como em outros países, ter um diploma de competência pedagógica especificamente para a docência universitária.

Os anos 80 e 90 eram os anos das “vacas gordas”, mas também de mais exigência aos programas e aos docentes, primeiro ao nível de mestrado e, depois, de

doutoramento. A categoria de assistente desaparece. Entretanto, já antes da lição de sapiência da Professora Doutora Rosa Fernanda Moreira da Silva (1994), em que esta nos alertou para os aspetos demográficos – estudantes a menos e professores a mais – que iriam mudar as expectativas dos nossos licenciados, tornou-se claro que a nossa Faculdade, como outras em vários países de Europa, teria de pensar em saídas profissionais alternativas para os nossos cursos.

Contextualização internacional

É preciso lembrar que outros países também passaram por este processo do aumento de escolaridade e pela necessidade de mais professores. Embora vários países tivessem 4 anos de escolaridade básica desde o século 19, poucos exigiram 9 anos de escolaridade obrigatória até aos anos 70 do século XX. Por exemplo, no Reino Unido a educação até aos 16 anos só foi obrigatória depois de 1973, até aos 17 anos em 2007 e até aos 18 anos em 2015.

Entretanto, a ênfase nas Humanidades como produtores de professores não foi benéfica porque limitava a percepção da sua função, quer do ponto de vista do público recetor e dos professores, quer da organização interna das próprias faculdades. O resultado, somos forçados a reconhecer, é que, um pouco por todo o mundo, as Humanidades estão em crise. Para citar Halliday (2011):

In the United Kingdomthe human sciences are being cut back and even closed down, despite their being not only important sources of knowledge in themselves but also the one branch of the sciences that holds all the others together; and knowledge is being evaluated as a commodity to be bought and sold in the market by those who can afford it. (Halliday, 2011/13, p. 79).¹

Num mundo que exige que um curso universitário resulte em possibilidades de emprego, as Humanidades procuram novos rumos e novas identidades e precisam, não só de qualidade, mas também de relevância e de inovação.

Qualidade

Há várias tentativas de definir qualidade que tendem a favorecer a perspectiva do autor. Uma pesquisa na Internet utilizando estas expressões devolve as definições seguintes:

Qualidade

qua.li.da.de

sf (lat *qualitate*) 1 Atributo, condição natural, propriedade pela qual algo ou alguém se individualiza, distinguindo-se dos demais; maneira de ser, essência,

¹ Tradução: *No Reino Unido as faculdades das ciências humanas estão a sofrer cortes e até estão a ser fechadas, apesar de serem, não só fontes importantes de conhecimento em si, mas também o ramo das ciências que assegura a coesão entre as outras; e o conhecimento está a ser avaliado como um bem de consumo disponível para compra e venda no mercado por aqueles que têm possibilidade de o adquirir.*

natureza. **2** Excelência, virtude, talento. **3** Caráter, índole, temperamento. **4** Grau de perfeição, de precisão, de conformidade a um certo padrão: **Artigo de primeira qualidade. Trabalho de qualidade inferior.** **5** Categoria, espécie, tipo: **A fábrica produz apenas uma qualidade deste artigo.** **6** Cargo ou função de que resultam direitos e obrigações. **7 Título de habilitação profissional.** **8** Posição, papel: **Ele não falou na qualidade de ministro, mas na de cidadão comum.**²

Qualidade é o grau de utilidade esperado ou adquirido de qualquer coisa, verificável através da forma e dos elementos constitutivos do mesmo e pelo resultado do seu uso.³

Quality

: how good or bad something is

: a characteristic or feature that someone or something has : something that can be noticed as a part of a person or thing

: a high level of value or excellence.⁴

Quality (Business): Quality is a perceptual, conditional, and somewhat subjective attribute and may be understood differently by different people.⁵

Business Studies: Quality is about meeting the **minimum standard** required to satisfy customer needs.⁶

Health: Our definition of quality is essentially very simple; we see it as the 'degree of excellence' in healthcare..... excellent healthcare should be: **Safe, Effective, Person-centred, Timely, Efficient, Equitable.**⁷

O meu interesse na Qualidade começou com a leitura de *Zen and the Art of Motorcycle Maintenance: an Enquiry into Values*, de Pirsig (1974). Pirsig explora a noção de qualidade e mais tarde propõe uma Metafísica da Qualidade – “Metaphysics of Quality”.

Pirsig combina a história de uma viagem de moto através dos Estados Unidos, explicando como se pode manter a moto em condições para esse efeito, intercalando essas explicações com reflexões filosóficas sobre a “Qualidade” e, especialmente – que é o que importa neste caso – sobre o ensino e a aprendizagem universitários. A sua ênfase durante o seu percurso é sobre a importância de coordenar o subjetivo com o objetivo, o clássico com o romântico, e a tecnologia e o conhecimento.

² Dicionários Michaelis -<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=qualidade>

³ Wikipedia.pt – <https://pt.wikipedia.org/wiki/Qualidade>

⁴ Merriam-Webster: <http://www.merriam-webster.com/dictionary/quality>

⁵ Wikipedia – Quality (Business): [https://en.wikipedia.org/wiki/Quality_\(business\)](https://en.wikipedia.org/wiki/Quality_(business))

⁶ BBC – GCSE Bitesize: <http://www.bbc.co.uk/schools/gcsebitesize/business/production/locationanddistributionrev1.shtml> *A qualidade consiste em encontrar o nível mínimo exigido pelas necessidades do cliente.* NOTA: Este argumento foi utilizado por uma empresa de tradução numa Mesa Redonda no nosso congresso em Março passado.

⁷ Adapted from Peerpoint <http://www.peerpt.com/performancequality-improvement/the-definition-of-healthcare-quality-and-the-institute-of-medicine/>

Tudo isto influenciou várias decisões na minha vida acadêmica, especialmente no que diz respeito à necessidade: de apoiar a teoria, que é tão boa ou tão má quanto a posição dos indivíduos que a propõem, com dados empíricos que provam, ou não, essa teoria; de coordenar o clássico, ou aquilo que é baseado na razão, com o romântico, ou aquilo que decorre da inspiração; e de apreciar as possibilidades que a tecnologia oferece para o desenvolvimento do conhecimento.

Pirsig, baseando-se no seu próprio difícil percurso no mundo acadêmico, insiste na importância de questionar o *status quo*, de não confiar na noção de que uma educação é a soma do prestígio da universidade e dos diplomas que oferece, de ir além dos programas consagrados à procura de conhecimentos novos, e procurar sempre a qualidade em tudo – mesmo que seja difícil definir essa qualidade.

Podem parecer pouco praticável seguir à letra a noção expressa por Pirsig e outros de que, se fosse possível acabar com o enfoque nos exames e diplomas, teríamos uma verdadeira educação. Mas todos devemos reconhecer uma certa validade nesta afirmação, e não é impossível aplicá-lo. O sistema educativo Finlandês consegue excelentes resultados com o mínimo de testes e, até, dispensando a divisão tradicional da matéria em áreas específicas. A formação do professor na Finlândia é muito mais exigente do que em outros países e há muito respeito pela profissão, mesmo que um professor não ganhe proporcionalmente mais num país cujo leque salarial é um dos menos variáveis do mundo.

Os sistemas políticos, tanto nacional como internacional, estão muito preocupados com a qualidade da educação, e com razão, mas ainda estão longe de descobrir a melhor forma de criar e medir esta qualidade. Conhecemos bem todos os esforços a serem feitos na nossa universidade e no nosso sistema educativo. É essencial que se faça esta tentativa de encontrar qualidade, apesar da burocracia inerente que detestamos e das limitações do contexto em que trabalhamos.

Neste momento, a crise no ensino é ainda mais grave no ensino básico e secundário, onde os estudantes parecem ser escravos de programas desequilibrados, trabalhos de casa intermináveis, e a serem treinados como os cães do Pavlov para testes, por professores stressados e, às vezes, mal preparados para os desafios da tecnologia e para as mudanças provocadas na metodologia pedagógica. Isto não está a ter como resultado qualidade de “educação” no verdadeiro sentido desta expressão.

Relevância

Outro livro que me influenciou no princípio da minha carreira de professora – e cujo título fala por si – foi *Teaching as a Subversive Activity*, de Postman & Weingartner (1969), que, entre outras coisas, inclui um capítulo sobre “Pursuing Relevance”.

A minha preocupação pessoal com a relevância do que se estuda talvez seja influenciada pelo programa da minha licenciatura em Inglaterra, em Estudos de Espanhol e Francês, com Português como opção, que foi inovador. O objetivo do curso era preparar licenciados com conhecimentos, não só de Espanha e de Portugal, mas também da América Latina. Assim, embora tivéssemos uma pre-

paração orientada para os clássicos e para a história do passado destes países, havia um enfoque acentuado na cultura, na literatura e na história modernas. Por exemplo, a Literatura Brasileira incluía autores como Graciliano Ramos, José Lins do Rego e Jorge Amado, e a Literatura Portuguesa incluía clássicos como Eça de Queiroz, mas também Miguel Torga e Luís de Sttau Monteiro – e isto 10 anos antes do 25 de Abril.

As definições de relevância nos dicionários são circulares e dão-nos muito pouco. A Wikipedia refere teorias de relevância assim: “The concept of **relevance** is studied in many different fields, including cognitive sciences, logic, and library and information science”. As teorias da relevância que conheço melhor são aquelas que foram propostas por Sperber & Wilson (1986/1995) nas áreas da Pragmática e das Ciências Cognitivas, e a teoria da relevância das Ciências de Informação.

Mas para hoje vou considerar esta definição, datada de 2013, que se encontra em The Glossary of Educational Reform – <http://edglossary.org/relevance/>

RELEVANCE

In education, the term **relevance** typically refers to learning experiences that are either directly applicable to the personal aspirations, interests, or cultural experiences of students (*personal relevance*) or that are connected in some way to real-world issues, problems, and contexts (*life relevance*).⁸

Este é o sentido da palavra ao qual é preciso prestar atenção, tanto no planeamento dos cursos, como na escolha de um tema de investigação. Devemos lembrar, entretanto, que, aquilo que é relevante para o nosso contexto, nem sempre é relevante noutros contextos, como aprendemos todos aqueles que tiveram o privilégio de visitar outros países em mobilidade ERASMUS e, especialmente, ERASMUS MUNDUS.

Inovação

As definições disponíveis são também circulares ou refletem interesses vários. Assim, antes de mais, chamo atenção para um vídeo disponível no YouTube, atualizado anualmente, chamado “Did you know?”⁹, e cuja consulta aconselho, especificamente a versão de 2014. Apresenta algumas estatísticas que são interessantes em relação ao mundo atual, incluindo a explosão do poder da Internet e da tecnologia. Os excertos seguintes interessam-nos, certamente:

- The top ten in demand jobs in 2014 did not exist in 2004
- We are currently preparing students for jobs that don't yet exist

⁸ Em educação, o termo relevância tipicamente refere as experiências de aprendizagem que são ou diretamente aplicáveis aos interesses, aspirações e experiências culturais dos estudantes (relevância pessoal) ou que são ligados de alguma maneira aos assuntos, problemas e contextos no mundo real (relevância da vida)

⁹ “Did you know 2014” <https://www.youtube.com/watch?v=XrJjfDUzD7M>

- Using technologies that haven't been invented
- In order to solve problems we don't even know are problems yet¹⁰

Sem dúvida, estas afirmações aplicam-se especialmente às ciências “duras”. A investigação em áreas científicas e tecnológicas, normalmente, foca a aplicação dos conhecimentos adquiridos, fazendo parte de um continuum do passado para o futuro. O próprio Newton reconheceu que construiu as suas teorias com base no trabalho de “gigantes” e que outros viriam a construir outras teorias sobre o trabalho dele. Embora haja opiniões diferentes, calcula-se que o conhecimento científico e tecnológico atualmente duplica entre cada período de um a cinco anos, dependendo do domínio científico.

As Humanidades, por outro lado, normalmente funcionam com espaços de tempo mais alargados do que a tecnologia. Mesmo assim, alguns indivíduos procuram novos caminhos, como demonstram o conteúdo de eventos publicados pelo Gabinete de Eventos e pela Reitoria. Mas também é verdade que outros procuram estes caminhos com dificuldade, e ainda outros que os rejeitam. Entretanto, o mundo à nossa volta exige a interligação entre Qualidade, Relevância e Inovação no ensino universitário e na investigação, e a importância de haver uma ligação estreita entre este ensino e a investigação. Para exemplificar possibilidades de realizar esta colaboração, irei restringir-me ao ensino e à investigação nas áreas que conheço melhor: a Linguística, a Tradução e as aplicações da Informática a estes estudos.

O ensino da Língua Inglesa e a Linguística

A minha primeira responsabilidade nesta Faculdade foi a Língua Inglesa, e tivemos a sorte de estar a trabalhar com todo o apoio teórico e prático da indústria internacional do ensino de Inglês. A inclusão da palavra Linguística na designação do último ano de ensino da língua permitiu uma certa formalização de conhecimentos de sistemas linguísticos e, mais tarde, a Linguística Inglesa foi desenvolvida como unidade curricular independente. A teoria por detrás da maior parte do material de ensino de Língua Inglesa é a da Linguística Sistémico-Funcional cujo principal proponente é M. A. K. Halliday.

Halliday, que, com 90 anos, continua a publicar, acha que é essencial considerar a linguagem como integrada em situações reais de comunicação. Para ele, e para quem subscreve as suas teorias, todos os níveis ou sistemas linguísticos interagem na produção de comunicação e não devem ser considerados isoladamente. Assim, mesmo que tenhamos de focar a nossa investigação num destes níveis, deveríamos

10

- Em 2014, as empresas oferecem empregos que nem existiam em 2004
- Estamos atualmente a preparar estudantes para empregos que ainda não existem
- Utilizando tecnologias que ainda não foram inventadas
- Para resolver problemas que ainda não reconhecemos como sendo problemas

entender a relevância dos outros níveis para podermos contextualizar melhor a nossa própria investigação e o nosso ensino.

As teorias de Halliday oferecem possibilidades de aplicações muito interessantes do estudo da linguagem ao mundo real, mas existe uma tendência acadêmica para separar a linguística teórica da aplicada, e, até, para restringir o campo da “linguística” às áreas mais teóricas. Para contestar esta tendência, em 2010 Halliday sentiu a necessidade de promover uma linguística que é “appliable” – não “aplicable” – ou até aplicável – querendo referir um estudo que pode, eventualmente, ter uma aplicação, sem perder a sua qualidade teórica.

Esta abordagem, naturalmente, exige uma investigação baseada em dados empíricos. Para isso, Halliday utiliza material diverso, desde corpora escritos e falados até entrevistas e gravações sistemáticas (até dos seus próprios filhos). O autor sempre apoiou projetos que utilizassem a tecnologia para facilitar a investigação, e a Linguística Sistémico-Funcional tanto estuda o desenvolvimento da linguagem nas crianças, ou a importância da entoação na comunicação falada, como cria uma estrutura teórica sólida para a análise sintática e semântica, analisa textos de vários tipos e géneros, e reflete sobre as implicações que tudo isto tem para entender melhor a comunicação humana. Por exemplo, Martin e outros investigadores da escola do Halliday (várias publicações) na University of Sydney dedicam a sua investigação a estudar de que modo os textos utilizados no ensino de áreas como as ciências podem (des)incentivar os estudantes. Sugerem como se deve preparar materiais educativos em vários domínios para as escolas de forma adequada à cultura, à idade e aos interesses dos estudantes. O mesmo grupo também publicou, em 2005, material sobre a linguagem de avaliação em Inglês, um aspeto que é relevante, não só para estudar a linguagem humana, mas também para a investigação na área de *data mining*, *opinion mining* e áreas afins no âmbito da Informática.

A investigação linguística baseada numa metodologia empírica é essencial à Linguística Sistémico-Funcional. Há mais de 30 anos que foi reconhecida a importância de corpora, ou grandes bases de texto pesquisáveis com ferramentas informáticas, para poder descobrir a relevância – ou não – de estudar um determinado fenómeno linguístico. A tecnologia evoluiu, entretanto, e agora é difícil justificar a investigação linguística sem o seu apoio. O meu interesse e o dos meus estudantes nesta metodologia levou à nossa integração no projeto Linguateca e a uma perceção da importância da informática para a investigação linguística e, também, para o ensino, especialmente nas unidades curriculares de pós-graduação em Linguística Computacional e Linguística Forense.

O ensino de Tradução

O ensino de Tradução na FLUP teve início nos anos 80 como uma formação alternativa para aqueles que não queriam ser professores. No início, esta alternativa atraía poucos alunos, mas, à medida que as vagas para o ensino escasseavam, tornou-se mais popular e, neste momento, é bastante procurada.

Para muitos professores e para o público em geral, o ensino de tradução é percebido como uma ferramenta para ensinar línguas. Embora os teóricos na área da pedagogia das línguas discutam esta percepção, é verdade que a tradução se torna necessária, por exemplo, quando se ensina línguas orientais a falantes de línguas europeias. Se a tradução efetuada focar as diferenças, não só linguísticas, mas também culturais, o resultado é positivo; mas quando se torna simplesmente um exercício linguístico com traduções muito literais, o resultado pode ser mesmo negativo.

As tentativas para criar cursos de tradução no contexto europeu foram várias e os planos de estudos desenvolveram-se da forma como ainda vão evoluindo no contexto internacional. Num mundo onde os contactos internacionais eram reduzidos, e a tradução era normalmente necessária para simples contactos comerciais, o ensino de tradução constituía parte de cursos politécnicos em secretariado e administração. Para o nível de diplomacia e contactos internacionais, havia cursos de pós-graduação em tradução e interpretação em universidades como as de Genebra, Paris e Bruxelas.

Quando as universidades clássicas perceberam que a formação em tradução poderia ser uma alternativa à formação de professores como saída profissional, criaram-se cursos universitários com ênfase na teoria literária e/ou linguística. Estes cursos refletiam – e, em vários casos, ainda refletem – a formação e investigação dos professores universitários, mas não são adaptados às realidades do mundo profissional de tradução.

À medida que alguns docentes começaram a compreender que uma preparação puramente académica não produz tradutores profissionais, começou a haver cursos mais profissionais, com ênfase nos géneros e tipos de texto que é necessário traduzir. É preciso lembrar que mais de 90% da tradução feita no mundo é de textos não literários. A tradução profissional também exige bastante formação em informática, tanto em matéria de *software* próprio para a tradução, como em técnicas de pesquisa de informação online. Finalmente, a necessidade de criar contactos com o mundo real realça a importância essencial dos estágios como parte do currículo.

Desde o princípio da Tradução na FLUP, o Professor Doutor Gomes da Torre insistiu na necessidade dos estágios e no processamento de texto em computadores, e a nossa inclusão no projeto *LETRAC – Language Engineering For Translation Curricula* (1998-1999)¹¹ e, mais tarde, no projeto *Linguateca* (2002-2008)¹² abriu-nos os olhos para as potencialidades das ferramentas informáticas. Depois de muita discussão e formalização de planos de estudos, o Mestrado em Tradução e Serviços Linguísticos foi escolhido, em 2009, como o único curso em Portugal (ainda) a pertencer à Rede *EMT – European Master's in Translation*,¹³ com uma reputação de qualidade, devido à percepção de que é um curso relevante e inovador. Entretanto,

¹¹ LETRAC Project – <http://www.iai-sb.de/forschung/content/view/37/50/>

¹² Linguateca – <http://www.linguateca.pt/>

¹³ EMT – European Master's in Translation Network – http://ec.europa.eu/dgs/translation/programmes/emt/index_en.htm

a profissão de tradutor está em constante mutação e teremos de continuar a inovar ou, rapidamente, deixar de ser relevantes. É preciso sempre atualizar, não só o plano de estudos, mas também os programas das unidades curriculares.

A investigação

É claro que um bom ensino universitário tem de ser apoiado por excelentes programas de investigação relevante e inovadora, e aqui entramos num mundo mais complicado, frequentemente conservador, e sujeito às idiosincrasias dos doutores no poder. Durante o tempo que passei como membro do *Board* do *EMT*, encontrei frequentemente jovens doutorandos obrigados a estudar temas talvez de qualidade, mas nada inovadores, e sem qualquer relevância relativamente à necessidade de criar e ensinar cursos de Tradução. Este problema foi discutido em reuniões plenárias das universidades do *EMT* em Bruxelas, mas ainda hoje constitui um problema no avanço dos estudos de tradução.

Por exemplo, houve uma altura em que foi difícil convencer um orientador a aceitar a investigação em tradução de literatura infantil como um tema válido. Como avó e professora, garanto que esta área precisa de investigação para corrigir a falta de compreensão intercultural dos tradutores amadores (mas baratos?) que os nossos editores escolhem. O problema em Portugal é particularmente grave, tendo em conta que uma grande quantidade dos livros de leitura aconselhados pelo Ministério para as escolas são traduções.

Mais grave ainda é o tipo de situação, mais comum do que deveria ser, com que se depara uma estudante com uma bolsa de pós-doutoramento com quem contactei há pouco tempo. O seu orientador queria exigir que ela simplesmente confirmasse as teorias dele, já não tão modernas, e que o trabalho dela fosse assinado por ele. Há demasiados professores interessados em manter o enfoque no seu próprio trabalho, em vez de incentivar os seus doutorandos a avançar por caminhos inovadores.

Ouvimos frequentemente lamentar que a investigação obriga a uma pesquisa cada vez mais profunda em áreas muito pequenas e que há cada vez menos compreensão do contexto alargado desta investigação. Este fenómeno contribui, também, para uma fragmentação em pequenas áreas de investigação pessoal, em vez de projetos de grupos de investigação integrados e coesos.

Interdisciplinaridade

Antes que alguém me faça, uma vez mais, a inevitável crítica, confesso que não resisto à contemplação do contexto alargado, e reconheço que isto resultou em menos produção científica da minha parte do que era desejável. Mas a vida foi muito mais interessante assim porque me incentivou a seguir o rumo para a interdisciplinaridade.

O trabalho interdisciplinar traz sempre novos contactos e novas ideias. Os seis anos que passei no *Board* do *EMT* permitiu-me encontrar muitas pessoas dedicadas aos Estudos de Tradução, e não só na Europa. Debatemos os problemas relacionados,

não só com a Tradução, mas também com o tal grande plano social, económico e cultural em que a profissão do prestador de serviços linguísticos se integra. O antigo Mestrado em Terminologia e Tradução proporcionou-me a possibilidade de trabalhar com colegas de Engenharia, Geografia, História de Arte e outros. O 3º ciclo em Tecnologias da Linguagem Humana criou laços com colegas das Faculdades de Economia, da Engenharia e da Psicologia e Ciências de Educação.

Ultimamente, o interesse na Linguística Forense levou a contactos com a Faculdade de Direito e com colegas com interesses interdisciplinares e aplicações práticas, como a deteção de autoria e/ou plágio, a análise dos textos jurídicos, a psicologia e a sociologia forense. Há aqui grandes áreas de investigação interessante e interdisciplinar, como podemos ver em Coulthard e Johnson (2010) e as Atas do congresso (*Bridging the Gaps between Language and the Law – Proceedings of the 3rd European Conference of the IAFL*), que organizámos no Porto em 2013.

A investigação e a interdisciplinaridade – um caso

Mas, em vez de repetir o que já tenho dito em reuniões e em conversas privadas, gostaria de demonstrar de que modo a área da minha tese de doutoramento, a Linguagem da Emoção, pode ser interpretada de forma interdisciplinar. A tese está desatualizada, mas o tema da Emoção oferece muitas possibilidades de estudo interdisciplinar, como tive a ocasião de verificar com um curso de doutoramento de uma semana, organizado por Diana Santos em Junho 2015, em Oslo, e que ensinámos em conjunto.

Este curso, intitulado *PhD course on Emotions in Language* – <http://www.hf.uio.no/iln/forskning/grupper/digital-humaniora/arrangementer/2015/phd-course-on-emotions.html> – atraiu uma dúzia de doutorandos de universidades da Áustria, da China, da Escócia, de Espanha, da Holanda, da Noruega, da Polónia e de Portugal. O leque dos seus interesses cobria áreas associadas às Humanidades, passando pela Linguística Computacional e pela Engenharia Informática, e acabando na relação entre a inteligência humana e a inteligência artificial.

O tema mais convencional na área das Letras foi um estudo da expressão de emoção numa obra de estilo literário, a autobiografia de um senhor que supervisionava um campo de concentração Nazi. A emoção na filosofia e na expressão estética foi o interesse de uma estudante em fase de pós-doutoramento.

Ao nível da Linguística, havia um estudante polaco a estudar as reações emocionais e avaliativas de sotaques e tipos de entoação regionais em Inglaterra, e se essas reações teriam uma explicação puramente cultural e social, ou se havia uma ligação com alguma tendência inata de preferir certos sons a outros. Outro estudante estava a investigar a razão pela qual pessoas de etnia cigana, mas falantes nativos do Norueguês, sentiam a necessidade de utilizar o léxico, e a respetiva sintaxe, de expressões Romani em situações emocionais. Outra área de investigação era as estruturas sintáticas utilizadas na língua da estudante para exprimir emoção, e as suas implicações semânticas.

Outra área interessante de investigação era a de uma estudante que investiga a emoção e a sua expressão em crianças autistas. A sua esperança era que este

estudo resultasse numa metodologia melhor para o ensino do entendimento e da expressão de emoções a estas crianças.

Vários estudantes eram de áreas com influência da Linguística Computacional. Estudavam tópicos como a análise semiautomática de sentimentos em textos, ou aquilo que é conhecido como *sentiment analysis*. Este trabalho consiste em procurar expressões que possam indicar emoções ou posições pessoais subjetivas. Um dos principais objetivos é estudar o uso da linguagem para efeitos de pesquisar e identificar opiniões na Internet, ou *opinion mining*. O objetivo de uma estudante era criar a possibilidade da etiquetagem de linguagem avaliativa em contextos *online*.

O estudo talvez mais ambicioso foi o de uma estudante chinesa a trabalhar numa universidade escocesa na criação de programas informáticos que reconhecem expressões emocionais no rosto do ser humano para promover a interação do homem com a máquina. Além do seu interesse mais geral, revelava-se, aqui, o fator intercultural.

Houve discussões animadas sobre as teorias formuladas para explicar a emoção, começando pelos filósofos que se dedicaram ao tema ao longo dos séculos, incluindo, desde o contributo de Descartes (1649), até aos mais recentes. Por exemplo, Charles Darwin (1872), numa perspetiva da evolução, considerou que as emoções se encontram a vários níveis em todas as espécies, têm uma finalidade essencial de sobrevivência e são inatas, tendo influenciado muito certos desenvolvimentos, como o estudo de expressões faciais e gestos por investigadores como Ekman (1982 & 2003) e os seus colegas. James (1884) insistia em considerar que o reconhecimento cognitivo de uma emoção só poderia existir depois da reação física sentida pelo sujeito. Esta posição foi veementemente atacada por Arnold (1960), que fazia parte da corrente do Cognitivismo, e a sua posição foi reforçada por Lazarus (1980) e Plutchik (1990). Regista-se, também, a influência do Social-Construtivismo, que considera que as emoções são também socialmente construídas e, conseqüentemente, variam de língua para língua, de cultura para cultura e, até, de época para época. Este último aspeto é exemplificada pelo trabalho de antropólogos como Lutz (1988) e pelos académicos que estudam as emoções e a sua função na história, como Stearns (2008) e, menos diretamente, pelo filósofo Pinker (2011), que relaciona a diminuição da violência com a civilização e com o controlo das emoções.

Embora, ao longo dos séculos, filósofos e outros estudiosos tenham discutido a relação entre o que podemos descrever como a “razão” e a “paixão” ou a “emoção”, os desenvolvimentos na psicologia e na neurologia, no final do século XX, chamaram a atenção para a função da emoção na inteligência humana. O trabalho de Damásio (1994) tornou bem visível a investigação de vários investigadores nas áreas da filosofia, da psicologia e da neurologia, que argumentavam que Descartes (1649) estava errado quando quis separar a parte racional do cérebro da parte irracional ou emocional. Estes investigadores foram incentivados a dar importância à função da emoção no raciocínio pelo facto de ser muito difícil replicar esta função na inteligência artificial, o que dificulta uma comunicação homem-máquina. Goleman (1996 & 2007), por sua vez, popularizou os conceitos da inteligência emocional e da inteligência social.

Um dos efeitos de toda esta investigação foi o reconhecimento, por parte de psicólogos e educadores, de que fenómenos como autismo, dislexia e outros distúrbios, antes relacionados com problemas psicológicos e, até, de deficiência educativa, eram efetivamente resultantes de problemas de desenvolvimento do cérebro. No caso de pessoas autistas com dificuldades em sentir e expressar emoções, reconhece-se agora que tal resulta mais de falhas neurológicas do que de efeitos ambientais ou educativos.

A relação entre a cognição e a emoção ocupou os filósofos ao longo dos séculos, e não faltam definições de “emoção”. O que também os preocupava, e, mais recentemente, aos psicólogos, era a distinção, e a definição, entre os diferentes sentimentos, emoções, sensações e fenómenos afins. Não vou desenvolver estes argumentos aqui; porém, para efeitos do nosso curso sobre a linguagem e a emoção, foi importante termo-nos debruçado sobre as várias tentativas de criar uma “metalinguagem” ou “terminologia” de emoção. São vários os psicólogos (como Davitz, 1960), linguistas (como Wierzbicka, 1999, & outras publicações) e informáticos (Ortony, Clore & Collins, 1988) que tentaram categorizar e explicar as relações entre todos os conceitos relacionados *grosso modo* com o tema geral de emoção. Há, ainda, muita bibliografia sobre os vários caminhos de investigação da emoção e sobre as emoções individuais.

O tema de emoção também realça a velha discussão entre aqueles que defendem o universalismo da linguagem e o relativismo entre línguas. É natural que um fenómeno que seja o resultado da evolução humana se revele em todas as sociedades e culturas humanas e, assim, demonstre um certo universalismo. Por outro lado, o facto de que cada cultura e cada língua possuem formas diferentes de encarar e expressar-se sobre as emoções, revela que existe, também, um certo relativismo, talvez subtil, mas igualmente significativo. Filósofos como Kenny (1963) defendiam uma separação entre a emoção e a livre vontade, baseando-se no facto de os verbos de emoção em inglês, como *love* e *hate*, não aceitarem o imperativo e rejeitarem o uso natural da passiva. Outras línguas manifestam outras facetas na sintaxe de verbos de emoção, como *zangar-se*, em Português, onde a passiva com *-se* demonstra uma certa reflexividade ou causa interior ao sujeito. Este fenómeno é comum a outras línguas e, ao nível do léxico, da metonímia e das metáforas, há ainda mais variação.

O grupo de estudantes que participaram no curso, além da sua capacidade de se expressar em inglês e de ser composto por cidadãos do mundo globalizado, fala várias línguas e pertence a culturas diferentes. Foi possível comparar os léxicos, as metonímias, as metáforas e a sintaxe de emoção em várias línguas. Também foi possível comparar e explicar as diferenças na aceitação, ou não, da expressão física e linguística da emoção nas diferentes culturas, mas não tenho espaço, aqui, para pormenores.

Além das aplicações ao nível mais humanístico, as aplicações da Linguística Computacional em *sentiment analysis*, *opinion mining* e *data mining*¹⁴ em geral têm

¹⁴ Prefiro não traduzir estes termos para Português porque parece que os engenheiros portugueses a trabalhar nestas áreas ainda não chegaram a um acordo sobre a sua tradução.

um futuro promissor. O entendimento da linguagem de avaliação e a utilização deste conhecimento para descobrir e analisar opiniões são de grande interesse político e comercial. Vários linguistas estão a treinar ferramentas na deteção e etiquetagem de expressões avaliativas em corpora já etiquetados morfossintaticamente, como demonstram Santos & Mota (2015). Mas como este artigo e o de Maia & Santos (2012) demonstram, o processo não é tão linear como parece. Um exemplo de um léxico já compilado para Português é o Sentilex-pt, descrito por Silva, Carvalho e Sarmiento (2012) e disponível em http://dmir.inesc-id.pt/project/SentiLex-PT_02; contudo, mesmo este grupo teve de reconhecer que a ironia, utilizada frequentemente nas redes sociais, leva a falsas conclusões.

É claro que existem programas que encontram e etiquetam expressões emocionais e avaliativas em texto falado, como podemos ver nas Atas do *LREC – Language Resources and Evaluation Conference 2014*¹⁵, mas, como sempre no caso de corpora falados, os critérios de etiquetagem dependem muito da perspectiva dos autores que podem ser peritos, quer em acústica, quer em prosódia, linguística computacional ou, até, análise do discurso ou pragmática. A doutoranda que investiga programas de reconhecimento das expressões faciais e físicas de emoção humana pela inteligência artificial também trabalha numa área com uma longa história que não vou descrever aqui. Entretanto, gostaria de chamar a atenção para a possível aplicação destes programas à deteção de mentiras e falsidade para fins forenses.

A parte do programa do curso dedicada à discussão terminou a discutir os desenvolvimentos da inteligência artificial e se é possível, ou desejável, ensinar inteligência emocional aos robôs.

Aquilo que mais me impressionou e me entusiasmou foi o facto de a grande maioria destes doutorandos pretender ir além das considerações teóricas que me preocuparam na minha tese e fazer com que o resultado da sua investigação tenha uma aplicação útil. Em todas as situações os temas da investigação dos estudantes e as discussões que tivemos demonstraram a necessidade de recorrer a teorias da Filosofia, da Psicologia, da Neurologia, da Sociologia, da Linguística, da Informática e, até, de outras áreas. A área da Emoção oferece, de facto, muitas possibilidades de conjugar a Qualidade, a Relevância e a Inovação numa investigação interdisciplinar.

Conclusão

Felizmente há várias pessoas com interesse na investigação interdisciplinar, e algumas dessas pessoas na FLUP e noutras Faculdades da UP estão a trabalhar em temas relacionados com a emoção. É preciso que colaborem, e que a Universidade apoie estas iniciativas seriamente em vez de criar barreiras burocráticas ao nível inter-Faculdades e inter-Universidades.

Como Pirsig, refiro que a Universidade do Porto também não pode confiar no seu prestígio atual e na qualidade dos diplomas que oferece. Tem de questionar sempre o *status quo*, ir além dos programas consagrados, e reconhecer que o nosso

¹⁵ LREC Proceedings – <http://www.lrec-conf.org/proceedings/lrec2014/index.html>

mundo exige a relevância e a inovação. Um passo importante seria adotar uma política com uma visão mais focada no futuro. A exigir propinas exorbitantes aos estudantes de pós-graduação e a estudantes estrangeiros, a Universidade do Porto está a perder a possibilidade de renovar e atualizar a sua oferta científica com colaboradores novos e mais jovens. A política a curto prazo baseada em cálculos financeiros prejudica imenso a possibilidade de criar escolas de investigação que podem, eventualmente, criar projetos autofinanciáveis, e limitam as possibilidades de internacionalização. Parece que outras universidades geograficamente próximas reconhecem a necessidade de criar investigação inovadora e vão aproveitar a nossa perda.

Mesmo assim, prefiro ser otimista, e acabo parafraseando umas palavras da minha mãe há 25 anos. Já consciente das possibilidades de comunicação oferecidas pela tecnologia mas, infelizmente, sem acesso ainda ao que viria a ser a Internet, referiu uma vez que achava que iria acontecer muita coisa interessante no futuro. Só tinha pena de não estar aqui para presenciar tudo. Há imensas possibilidades criativas a explorar e a investigar, e especialmente por uma via interdisciplinar. Gostava de ter menos 25 anos para poder investigar algumas – sempre com a perspetiva de Qualidade, Relevância e Inovação.

Post-Scriptum

Quero agradecer especialmente a Alberto Simões, Diana Santos, Anabela Barreiro, Rui Sousa Silva e Stella Tagnin pela coleção de 24 artigos – *Linguística, Informática e Tradução: Mundos que se cruzam* – que editaram para a minha passagem à reforma. Também quero agradecer a todos aqueles que contribuíram para este volume e a outros que quiseram, mas não conseguiram entregar os artigos a tempo. Foi uma surpresa total – e maravilhosa – receber este volume no dia dos meus 70 anos, e quero agradecer a todos aqueles que contribuíram do fundo do meu coração.

Bibliografia – uma seleção para os temas referidos

- Arnold, M. R. (1960). *Emotion and personality*. New York: Columbia University Press.
- Baker, M. (Ed.) (2010). *Critical Readings in Translation Studies*. London & New York: Routledge.
- Baker, M. (2011). *In Other Words: a Coursebook in Translation*. 2nd Edition. London & New York: Routledge.
- Baker, M. (Ed.) (2011). *The Routledge Encyclopedia of Translation Studies*. 2nd Edition. London & New York: Routledge.
- Cabré, T. (1999). *Terminology: theory, Methods and Applications*. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins.
- Cornelius, R. R. (1996). *The science of emotion: Research and tradition in the psychology of emotion*. Upper Saddle River (NJ): Prentice-Hall.
- Coulthard, M. & Johnson, A. (2007). *An Introduction to Forensic Linguistics: Language in Evidence*. London & New York: Routledge.
- Coulthard, M. and Johnson, A. Eds. (2010). *The Routledge Handbook of Forensic Linguistics*. Milton Park, Abingdon, Oxon; New York, NY: Routledge.

- Damasio, A. (1994). *Descartes' Error: emotion, reason and the human brain*. London & New York: Picador.
- Darwin, C. R. (1872). *The expression of the emotions in man and animals*. London: John Murray. 1st edition.
- Davitz, J. R. (1969). *The Language of Emotion*. New York: Academic Press.
- Descartes, R. (1649). *Les Passions de L'âme*. Paris: Henri Le Gras.
- Ekman, P. (1982). *Emotion in the Human Face*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Ekman, P. (2003). *Emotions Revealed: Recognizing Faces and Feelings to Improve Communication and Emotional Life*. New York: Henry Holt, Times Books.
- Frijda, N. H. (1986). *The Emotions*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Gambier, Y. & Doorslaer, L. van. (Eds.) (2010/2011/2012/2012) *Handbook of Translation Studies. Vols. 1, 2, 3, 4*. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins.
- Goleman, D. (1996). *Emotional Intelligence*. London: Bloomsbury.
- Goleman, D. (2007). *Social Intelligence*. London: Hutchinson.
- González, M. de I. A. G., Mackenzie, J.L., Álvarez, E. M, (Eds.) (2008). *Current Trends in Contrastive Linguistics*. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins.
- Halliday, M.A.K. (1994). *An Introduction to Functional Grammar – 2nd Edition*. London: Arnold.
- Halliday, M.A.K. (2011/13). "Why Do We Need to Understand about Language? (2011)" In Webster, J.J. (2013).
- Halliday, M.A.K. & J.R. Martin. (1993). *Writing Science: Literacy and Discursive Power*. Washington D.C. The Falmer Press.
- James, W. (1884). "What is an emotion?" *Mind*, 19, 188-205. Oxford: Oxford University Press.
- Jurafsky, D. & Martin, J. H. (2009). *Speech and Language Processing*. Upper Saddle River, New Jersey: Pearson / Prentice Hall.
- Kenny, A. (1963). *Action, Emotion and Will*. London and Henley: Routledge & Kegan Paul.
- Koehn, P. (2009). *Statistical Machine Translation*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Lakoff, G. (1987). *Women, Fire and Dangerous Things*. Chicago: University of Chicago Press.
- Lakoff, G. & Johnson, M. (2003). *Metaphors we live by*. London: The University of Chicago Press.
- Lazarus, R.S. (1991) *Emotion and Adaptation*. New York: Oxford University Press.
- Lewis, M., J. Havilland-Jones & L. Felman Barratt. (Eds.) (2008). *Handbook of Emotions – 3rd Edition*. New York: The Guildford Press.
- LREC – Language Resources and Evaluation 9th International Conference (2014) *Proceedings* disponível em: <http://www.lrec-conf.org/proceedings/lrec2014/index.html>. Último acesso 12 de Novembro de 2015.
- Lutz, C. (1988) *Unnatural Emotions: Everyday Sentiments on a Micronesian Atoll and their Challenge to Western Theory*. Chicago, IL: University of Chicago Press.
- Maia, B. (2008). 'CORPOGRAFO V4: Tools for Educating Translators'. In Rodrigo, Elia Yuste, *Topics in language Resources for Translation and Localisation*. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins.
- Maia, B. (2008). "Machine Translation and human translation: Using machine translation engines and corpora for teaching and research". In González et al (Eds.) *Current Trends in Contrastive Linguistics*. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins.
- Maia, B. Haller, J., Ulrych, M. (Eds.) (1999). *Training the Language Services Provider for the New Millennium*. Porto: Universidade do Porto.
- Maia, B. (1995). "The 'problem' of the language of Emotion". In *Actas do XVI Encontro da Associação de Estudos Anglo-Americanos APEAA*. Coimbra: FLUC.
- Maia, B. (1994). *A contribution to the study of the Language of Emotion in English and Portuguese*. Universidade do Porto: PhD thesis.

- Maia, B. & Santos, D. (2012) "Who's afraid of ... what?" – in English and Portuguese". Varieng: University of Helsinki. Disponível em: http://www.helsinki.fi/varieng/journal/volumes/12/maia_santos/ Último acesso 12 de Novembro de 2015.
- Markel, M. (2012). *Technical Communication*. Boston: Bedford/St. Martins.
- Martin, J.R. & White, P.R.R. (2005). *The Language of Evaluation – Appraisal in English*. Basingstoke & New York: Palgrave Macmillan.
- Martin, J.R. & Veel, R. (1998). *Reading Science: Critical and Functional Perspectives on Discourses of Science*. London: Routledge
- McEnery, T., Xiao, R. & Tono, Y. (2006). *Corpus-Based Language Studies – an advanced resource book*. London: Routledge.
- Melby, A. K. (1995) *The Possibility of Language: A discussion of the Nature of Language, with implications for Human and Machine Translation*. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins.
- Mitkov, R. (Editor) (2003). *The Oxford Handbook of Computational Linguistics*. Oxford & New York: Oxford University Press.
- Munday, J. (2012). *Introducing Translation Studies: Theories and Applications*. 3rd Edition. London & New York: Routledge.
- Ortony, A., Clore, G. L. & Collins, A. (1988). *The Cognitive Structure of the Emotions*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Pang, B. & Lee, L. (2008) "Opinion mining and sentiment analysis". On *Foundations and Trends in Information Retrieval*, Vol. 2, No 1-2, pp. 1-135.
- Pinker, S. (2011). *The Better Angels of Our Nature: Why Violence has Declined*. London & New York: Penguin Group.
- Pirsig, R. M. (1974). *Zen and the Art of Motorcycle Maintenance: an Enquiry into Values*. London: Corgi Books.
- Plutchik, R. (1980). *Emotion: A psychoevolutionary synthesis*. New York: Harper & Row.
- Postman, N. & Weingartner, C. (1969). *Teaching as a Subversive Activity*. Harmondsworth & New York: Penguin Books Ltd.
- Rodrigo, Elia Yuste (Ed.) (2008). *Topics in language Resources for Translation and Localisation*. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins.
- Santos, D. & Mota, C. (2015) "A admiração à luz dos corpos". In Simões, Barreiro, Santos, Sousa-Silva & Tagnin (Eds.) pp. 57-77.
- Sardinha, T. Berber. (2004). *Linguística de Corpus*. Barueri, SP: Manole.
- Scherer, K. R. (1987). "Toward a dynamic theory of emotion: The component process model of affective states". *Geneva Studies in Emotion and Communication*, 1, 1-98. Geneva: University of Geneva.
- Silva, M. J, P, Carvalho and L.Sarmiento. (2012) "Building a Sentiment Lexicon for Social Judgment Mining". In *Lecture Notes in Computer Science (LNCS) / Lecture Notes in Artificial Intelligence (LNAI)*, International Conference on Computational Processing of Portuguese (PROPOR), 17-20 April, 2012, Coimbra.
- Silva, R. F. M. da. (1994). *Faculdade de Letras (1980-1994): seu enquadramento nacional e regional*. Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Simões, Anabela Barreiro, Santos, Diana, Rui Sousa Silva % Stella Tagnin. (2015). *Linguística, Informática e Tradução: Mundos que se cruzam. Linguística, Informática e Tradução: Mundos que se Cruzam. Homenagem a Belinda Maia*, OSLa, Vol 7, No 1.
- Solan, L. and Tiersma, P. (Eds.) (2012). *The Oxford Handbook of Language and Law*. Oxford: Oxford University Press.

- Sousa-Silva, R., Faria, R., Gavaldà, N e Maia, B. (2013). *Bridging the Gaps between Language and the Law – Proceedings of the 3rd European Conference of the IAFL*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. ISBN: 978-989-8648-14-3
- Sperber, D, & Wilson, D. (1986/1995). *Relevance: Communication and Cognition*. 2nd edition. Oxford: Blackwell.
- Stearns, P. N. (2008). 'History of emotions: Issues of Change and Impact'. In Lewis, Haviland-Jones & Felman Barratt. Ps. 44-69.
- Trevelyan, G. M. (1942). *A Shortened History of England*. Harmondsworth: Penguin Books.
- Venuti, L. (Ed.) (2000) . *The Translation Studies Reader*. London & New York: Routledge.
- Vieira, R. & V. L. S. de Lima. (2001) *Linguística computacional: princípios e aplicações* – disponível em: <http://www.inf.unioeste.br/~jorge/MESTRADOS/LETRAS%20-%20MECANISMOS%20DO%20FUNCIONAMENTO%20DA%20LINGUAGEM%20-%20PROCESSAMENTO%20DA%20LINGUAGEM%20NATURAL/ARTIGOS%20INTERESSANTES/lingu%EDstica%20computacional.pdf> Último acesso 12 de Novembro de 2015.
- Webster, J. J. (Ed.) (2005). *Computational and Quantitative Studies: M.A.K. Halliday*. London & New York. Continuum.
- Webster, J. J. (Ed.) (2013). *Halliday in the 21st Century – Volume 11 in the Collected Works of M.A.K. Halliday*. London: Bloomsbury
- Wierzbicka, A. (1999). *Emotions across Languages and Cultures: Diversity and Universals*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Wierzbicka, A. (2012) "When cultural scripts clash: Miscommunication in "multicultural Australia". In Kryk-Kastovsky, B. (ed.) (2012, *Intercultural Miscommunication Past and Present*, Peter Lang AG, International Academic Publishers, Frankfurt am Main, Germany, pp. 121-146.
- Wilks, Y. (2008). *Machine Translation*. New York: Springer Verlag

Sites consultados – (Último acesso 12 de Novembro de 2015)

- BBC British Broadcasting Company – GCSE Bitesize – definição de "Quality": <http://www.bbc.co.uk/schools/gcsebitesize/business/production/locationanddistributionrev1.shtml>
- Dicionários Michaelis – Definição de "Qualidade" – <http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=qualidade>
- Great Schools Partnership. The Glossary of Educational Reform – <http://edglossary.org/relevance/> Último acesso 10 de Novembro de 2015.
- LETRAC Project – <http://www.iai-sb.de/forschung/content/view/37/50/>
- Linguatca – <http://www.linguatca.pt/>
- Merriam-Webster: <http://www.merriam-webster.com/dictionary/quality>
- Peerpoint, Medical Education Institute: <http://www.peerpt.com/performancequality-improvement/the-definition-of-healthcare-quality-and-the-institute-of-medicine/>
- Sentilex-pt – http://dmir.inesc-id.pt/project/SentiLex-PT_02
- University of Oslo: PhD course on Emotions in Language – <http://www.hf.uio.no/iln/forskning/grupper/digital-humaniora/arrangementer/2015/phd-course-on-emotions.html>
- You Tube. Did you know? 2014 <https://www.youtube.com/watch?v=XrjffDUzD7M>
- Wikipedia – Quality (Business) Definição de "Quality (business)": [https://en.wikipedia.org/wiki/Quality_\(business\)](https://en.wikipedia.org/wiki/Quality_(business))
- Wikipedia.pt – definição de "Qualidade": <https://pt.wikipedia.org/wiki/Qualidade>



associações: APL – Associação Portuguesa de Linguística, *EPIA – Portuguese Conference on Artificial Intelligence*, *IAFL – International Association of Forensic Linguists* e *PROPOR – International Conference on Computational Processing of the Portuguese Language*. Nos últimos 30 anos organizou vários congressos, escolas de verão e outros eventos académicos, e participou em múltiplos eventos com comunicação, nacional e internacionalmente.

Durante a sua carreira de quatro décadas na FLUP, ensinou língua, linguística e cultura inglesas, metodologias de investigação, linguística computacional, linguística forense, linguística contrastiva, terminologia e lexicografia e comunicação técnica, entre outros. Por convite ou no âmbito de projetos ERASMUS e ERASMUS MUNDUS, também lecionou sobre estes temas em diversos países, incluindo Brasil, Espanha, Finlândia, Noruega, Polónia, Timor-Leste e Vietname.

A sua investigação, e a dos estudantes que orientou e orienta a nível de pós-doutoramento, de doutoramento e de mestrado, encontra-se relacionada com estes temas, visando especialmente a cooperação interdisciplinar. As suas publicações, quer como autora individual, quer em coordenação com outros autores e com equipas interdisciplinares – cuja lista se encontra disponível online em <https://belindamaia.wordpress.com/bio/publications/> –, demonstram este leque de interesses. Mais recentemente, teve ocasião de voltar a investigar e a ensinar na área multidisciplinar de estudos de Emoção.

